



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

26 de Fevereiro de 2011 • Ano LXVII • N.º 1747

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HÁ senhoras que vêm até nós com desejo de ajudar. Há no coração de muitas, disponibilidade de se darem, para mais, tratando-se de crianças que julgam sem roupa nem calçado, carentes de colo, de atenção e de amor, não imaginando quanto fazemos por elas para que se sintam bem, dado que acolhemos somente aquelas que são rejeitados e a quem tudo tem faltado. Estaríamos a falsificar a natureza da Obra da Rua, o espírito do seu Fundador e seríamos uns mesquinhos mercenários. Na verdade nem coragem teríamos para estar aqui. Seria fingir o espírito de entrega a que Deus nos chamou.

De Portugal e do Brasil, por não haver informação que baste, mas só porque ouvem falar desta Casa e se julgam com aptidões úteis, aventuram-se até cá, pensando dar importante colaboração. Do Brasil veio há dias uma senhora, com largas atribuições desde estrela de televisão a trabalhos e programas de educação infantil, pré-estabelecidos, como se nessa matéria estivéssemos aqui completamente às escuras. Em que sarilhos nos meteu! Até os Rapazes foram prejudicados e tivemos de enfrentar com firmeza a sua retirada.

Não assim com quem tem vindo de Espanha, nossa principal apoiante ao desenvolvimento nas Aldeias. Amigos do nosso dentista, da nossa Maria José, do Alfredo que adoptou com um sacrifício tenaz, um casinho e vem aqui todos os anos, pôr ordem no sótão donde vai saindo calçado e material escolar.

De Portugal são poucos. Até temos medo, quando alguém escreve e perguntar se pode vir. Mas esperamos em Agosto e com muita simpatia um Casal de professores universitários e médicos, dispostos a tudo. Humildade e disposição, que trabalho não vai ser pouco.

Vem a propósito falar de duas Senhoras que aqui estiveram. Uma é esposa do senhor Domingues da Costa que ofereceu a Aldeia de Individuane e mais quer fazer, não fora para já o vendaval que quase destruiu a Escola e parcialmente todos os edifícios, agora já no final da recuperação. Podemos verdadeiramente dar graças a Deus, pela generosidade e a paixão que nele se enraizou e cresceu em Moçambique, onde passou a juventude, chegando a campeão de basquete. Entusiasta da modalidade, quis que em Individuane se construísse um campo apropriado, onde além desse, são praticados outros desportos.

A outra Senhora é professora. Vieram desenvolver o tema que o Ministério lançou a nível nacional: «Educar para um ensino de qualidade depende de nós e de cada um.» D. Fátima dedicou-se à formação humana, ética e auto-estima. D. Virgília desenvolveu a formação pedagógica, didáctica e metodológica.

Reuniram-se com os Professores da primária e secundária, Educadoras de infância e grupo de Saúde Comunitária. Chegavam ao fim do dia cansadas mas alegres pelo trabalho, mas sobretudo pela mensagem de optimismo e visão cristã da vida que entusiasticamente semearam. Partiram felizes e pelo seu convívio deixaram também felizes a todos nesta Casa.

Bem hajam pela boa semente que lançaram. □

CUIDEMOS DOS NOSSOS IDOSOS

Padre João

NOS últimos tempos, temos sido assolados pela comunicação social, com notícias tristes sobre a morte de idosos, tendo como causa principal, a solidão e o abandono.

Paradigmático, o caso da idosa de Rinchoa — Sintra, encontrada morta em sua própria casa desde há nove anos.

A brutalidade de tais notícias, coloca-nos diante de uma imensidade de perguntas, que tocam a dignidade da vida humana, principalmente, no seu ocaso.

Tantas virtualidades nos aproximam uns dos outros; nos tornam mais próximos e comunicativos — as redes sociais, por exemplo — e tão longe, parece, andarmos uns dos outros. Isto, passa-se nas cidades, nas aldeias e povoados, nos grupos humanos, nas famílias: é um sentido de solidão continuado.

Na semana de Pastoral Social de 2010, certo pastoralista, afirmou que as paróquias são lugares emblemáticos de encontro, e reconhecimento interpessoal, no afastamento desta mentalidade de indiferença e anonimato — que teima instalar-se entre nós.

É urgente incentivar e cuidar o trabalho em rede que privilegie

o encontro e o reconhecimento. Uma acção que vá da celebração comunitária da fé ao seu testemunho englobando nele, os pobres, os sós, os ausentes, os «depenados», e os «envergonhados».

Padre Américo recordava: «Cada freguesia cuide dos seus pobres». Nunca como hoje esta memória tem plena actualidade e com desafios a que uma comunidade não pode ficar indiferente ou confinada às paredes da sua igreja ou da sua casa.

Ontem fomos celebrar ao Calvário de Beire com o nosso padre Baptista. Lá estava reunida aquela família que ali encontrou aconchego e remédio para a pior das doenças, a solidão. Apreciamos que durante a celebração, apesar das deficiências e carências de muitos deles e delas, havia compostura, acompanhando, conforme as capacidades de cada um, a celebração. A maior parte destas pessoas vivem ali há longos anos. Também se pode dizer: «Estão no que é seu...»: Para onde iriam se ali não tivessem encontrado amigos que se tornaram irmãos; uma família? Possivelmente teriam já engrossado o número daqueles que morrem sós.

Quando por ali passamos salta-nos uma pergunta, — tão activos, quase todos — os encontramos: «Está alguém doente?» resposta pronta: «Não!...». Muito interessante esta reacção, nada encenada; sai espontânea e de forma natural. Verifica-se, com agrado que ali ninguém cede à doença. O Calvário foi e será sempre exorcismo da morte; o verdadeiro acesso à Ressurreição.

Não admira que alguém, «muito alto», e com grandes responsabilidades governativas no nosso país, há anos, positivamente estupefacto com o que acabara de observar discretamente ali, tenha oportunamente afirmado: «isto, (Calvário) precisa de ser estudado...».

Tinha razão. Agora, indiscutivelmente, que são conhecidos casos mediáticos, tão graves de abandono e solidão, que bem justifica o desabafo de Bento XVI: «Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a com-paixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana». □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A quem me diz que o Património não se pode ler, eu respondo: — Muito menos se pode viver.

Quando enxergo, ao longe, os Pobres a virem ter comigo ou os vejo sentados à minha espera, fico logo a tremer com receio das tragédias que irei ouvir e, sobretudo, a incapacidade de resolver a sua pobreza.

Poderei pagar um ou dois meses de rendas de casa, mesmo quatro ou cinco, mas o que é isso, se o tempo não pára e as mensalidades se seguem rapidamente umas atrás das outras?!

Ter uma casinha é grande bem. Mesmo que a alimentação seja fraca, os móveis pobres ou escassos, uma casa nossa não conta os dias, ao passo que uma habitação arrendada por gente que não tem onde ganhar, diariamente atormenta a alma.

Tem quatro filhos menores. É só. Já, por duas vezes lhe paguei

dois meses. São trezentos e cinquenta euros de mensalidade. Foram 1.400,00 euros. Voltou de novo suplicar: — *O senhorio fez ontem escândalo no prédio, à minha porta!*

— Oh! Mulher, não posso mais! Vá à Segurança Social. Peça, suplique, chore!...

Ainda há quem afirme que este momento social em Setúbal não é tão mau como em 1986. Só quem está cego, longe ou se esquiva, por vários modos e motivos, às queixas dos Pobres.

A gente pode encarapuchar-se no nosso estatuto, na posição social ou até mesmo na aparente impossibilidade e passar ao lado, como fez o sacerdote e levita da parábola: foram adiante. Não se acercaram!... Hoje, faz-se pior. Não deixamos que os Pobres se aproximem com a desculpa de podermos ser enganados e, em vez de irmos pessoalmente ou por delegados, indagar a reali-

dade que nos é apresentada, ficamos em casa, gozando o próprio aconchego ou sentados à mesa, comemos — como se toda gente, se igualasse a nós.

Não os aflige a ruína de Jacob — grita o profeta.

A situação económica de muitas centenas de famílias em Setúbal, é tão grave que não tem comparação com qualquer época!

Se vislumbrássemos que o estado das coisas iriam melhorar, que o trabalho adequado às capacidades de cada pai de família iria vir, faríamos todos um esforço e, amanhã folgaríamos. Mas não. As coisas pioram dia para dia e o desespero começa a tomar conta das consciências.

Aquela jovem mãe solteira, com dois filhos gémeos, de onze anos não levou nada para a renda da casa e explodiu de olhos arrastados:

Continua na página 2

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A MUDANÇA PARA MELHOR É POSSÍVEL — Um dos idosos isolados que acompanhamos há muito tempo e a quem providenciamos alojamento não é um exemplo de asseio doméstico. Não é propriamente de lixo nauseabundo que aqui se trata, mas mais do género de faltar uma esfregona a passar com regularidade nos sítios onde é preciso.

Temos-lhe chamado a atenção para o assunto, mas há dias resolvemos fazê-lo com mais insistência. Fomos lá numa manhã fria, a horas antes dele sair de casa. Quando chegamos à porta dentro de casa, ele estava porque o rádio ouvia-se cá fora. Batemos várias vezes. Ele ouvia e dava um berro de resposta lá de dentro, mas não abria a porta. Foi assim durante algum tempo, até que nos reconheceu e nos deixou entrar.

Falamos-lhe, então, na necessidade da tal esfregona que conviria passar com regularidade e do lixo que era preciso varrer cá para fora. Antes tinha-nos passado pela cabeça irmos em grupo grande e darmos nós uma barreira geral na casa, mas depois preferimos ir a isto com mais calma, levando até ao limite do possível o esforço de o persuadirmos a mudar os seus hábitos. Falamos-lhe sem crítica áspera, no tom bem disposto que existe entre nós há muito. Procuramos fazer um “contrato” com ele nos seguintes termos: sem aviso prévio, passaríamos por lá uns dias depois para verificarmos se já teriam sido feitas algumas arrumações e limpezas que estipulamos pequenas para começar; caso isso não tivesse acontecido “zangávamo-nos”.

Há dias voltamos lá, sem aviso prévio. A tal esfregona tinha sido comprada e havia indícios de ter sido usada. Algum lixo tinha sido removido da casa. A situação está ainda muito longe do asseio desejado, mas que houve ali vontade de mudança para melhor neste aspecto, houve. Que houve ali sentido de cumprir um compromisso, mesmo que em pequenas coisas, houve. Se cada um de nós em coisas pequenas e em coisas maiores fizéssemos todos algum esforço para mudarmos os nossos hábitos para melhor, certamente haveria menos “lixo” e menos pobreza.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

— Já me cortaram a água e a luz, mas eu não posso ir para a rua nem viver sem uma nem outra. Eles cortaram e eu liguei outra vez.

Que havia de lhe dizer?! Não me surgiu outra atitude, se não olhar para ela e acautelá-la: — Olhe que depois eles multam-na de forma pesada e você nunca mais levanta a cabeça.

Ela respondeu -me: — Depois se verá.

É a insolvência geral de quem caiu na pobreza extrema e, a ela, se vê amarrada.

Em vez de pagar rendas, bem desejava eu comprar casas e dá-las a estas famílias tão desalentadas!...

Se eu pudesse; se a vida dos rapazes que assumi, mo permitisse, se a minha saúde fosse mais robusta, ai! Eu iria por esse mundo gritar... gritar... gritar até que me ouvissem e se demovessem!...

Há, por aí muitas casas construídas para habitação social e vendidas por preços baixos, hoje arrendadas a famílias muito pobres, por 300 e 350 euros/mês.

Os detentores do dinheiro aproveitaram a ocasião e, agora, fazem fortuna! Mas as entidades vendedoras, na mira de se libertarem das habitações sociais, que só lhes davam prejuízo, também são culpadas.

Que uma habitação social se venda a uma família que já a ocupa, ou vai habitar, tudo bem. É uma acção justa, pois o benefício recai sobre a família desfavorecida. Agora, que se vendam dezenas de casas a pessoas que as vão arrendar a famílias tão pobres como as que eu vejo, é uma grande injustiça que devia ser reparada, por quem, a promoveu.

Habitações sociais, construídas com dinheiros públicos nunca poderiam ser desviadas dos seus fins. Muito menos serem fonte de enriquecimento para ninguém! □

MALANJE

Padre Rafael

PADRE Telmo continua com a uma perna que o não deixa andar. Esta semana, estreou-se como Reitor do Seminário, pois o único formador que restava teve que viajar para Luanda, e pediu ao Padre Telmo que o substituisse. Quim entra na recta final da sua preparação para o Diaconado e durante esta semana estará em retiro.

As chuvas regressaram em força a Malanje e esperamos que nos dêem alguma aberta para semear o milho, das segundas chuvas.

Chegaram os que foram de férias a visitar familiares e saiu o edital das camaratas. Este ano, preferimos alugar os mais peque-

nos na casa um de cima; na parte de baixo, ficaram os que têm idades a seguir à deles. A casa dois, fica como estava; e na casa três, ficam os mais velhos.

São dias de muito trabalho, pois a serra dos troncos ficou sem serras e tivemos de recorrer a Luanda para encontrar uma empresa que as vendesse. Depois de muitas voltas conseguimos e tivemos de pagar 400 euros por cada uma. O contentor continua a dar muitos problemas e os fiscais obrigaram-nos a abri-lo, porque, dizem, os papéis não estavam correctos. Depois de quase dois meses no porto de Luanda, parece ser possível que chegue em Fevereiro.

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — «O Eldorado da América mudou-se. Já não é lá, é em Portugal. É o campo de jogos da Casa do Gaiato. A concorrência aos domingos é de transbordar. Os grupos das redondezas, os grupos das distâncias, o nosso grupo! No domingo passado veio um onze do Porto. Os nossos ganharam (...).»

Era assim naquele tempo, como diz Pai Américo. Hoje, normalmente, é aos sábados. A festa começa logo pela manhã. Uns marcam o campo; outros aquecem a água; outros limpam as folhas — quando as há; e, quando é necessário, o nosso «Meno», pega no tractor e tenta pôr o campo o mais lisinho possível. É uma festa! Todos contribuem para que nada falte naquela hora.

À tarde, chegam os forasteiros, aqueles que têm estatuto a nível nacional, proporcionando aos nossos Rapazes, o que tanto outros gostavam e não conseguem!...

Ainda esta semana, recebemos a poderosa equipa de Juniores do F. C. Perafita da A. F. Porto. Mesmo com algumas baixas, conseguimos fazer um bonito.

Um jogo que decorreu com a maior correcção e, jogado de parte-a-parte, como já há muito não se via. Os nossos Rapazes foram uma autêntica máquina de futebol. Todos deram o máximo — que me perdoem os restantes — mas tenho que salientar os nomes de Hugo Pina e Octávio. Quer um quer outro, pareciam que estavam ligados à corrente eléctrica!

Uma primeira parte que deixou muito boa gente sem palavras; apesar de estarem habituados a estas andanças futebolísticas. Fomos para o intervalo a ganhar por 1-0. Golo de Thierry que, de cabeça, mandou o «robusto» guarda-redes do Perafita, às compras.

Na segunda parte foi preciso folgo de gigantes — aqui, talvez seja bom

referir o nome de Rogério, Bruno, Ronaldo e Nelson — para segurar os Rapazes de Perafita; evitando assim, desfeitear o nosso António Pedro que, da baliza, está sempre a incentivar os colegas. Até nisto, ele é o número um!

Uma semana depois, foi a vez de recebermos os Juniores da União Desportiva Vila Cova.

Um jogo que decorreu com a maior normalidade para não falar em facilidade. Vontade não faltou ao nosso adversário, mas, contra a força, não há resistência. Os nossos rapazes continuam em alta e, desta vez, passaram das marcas: no jogo individual e nos golos.

Querem ver?: Rogério (1), Bruno (1), Hugo (3), Joaninha (1), Francisco (2) e André «Garnisé» (2) contra quatro do Vila Cova que, com pezinhos de lã e azelhice nossa, estiveram empatados a dois golos. Não foi António Pedro? □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

CARNAVAL — Vamos organizar o nosso já tradicional convívio para assinalar a «terça-feira gorda» no dia 8 de Março. Apelamos a todos os antigos associados que se queiram juntar à festa, para trazerem boa disposição e alegria própria deste dia, além claro, de uma sobremesa, para o lanche, pois a música já está assegurada pela tocata da associação.

LOJA SOCIAL — Tem sido uma preciosa ajuda para alguns antigos gaiatos, pois têm chegado ofertas dos nossos amigos e benfeitores. Alguma mercearia que nos têm feito chegar, nem chega a ganhar lugar pois é imediatamente distribuída.

Registamos a Graça da zona da Foz-Porto com oferta de mobílias, do Álvaro Candeias veio um televisor e um frigorífico. Ao saudoso extinto Tó-Miranda foi cumprida a sua última vontade de doar alguns móveis e electrodomésticos com destino expresso à Associação. Caso tenhas algo que já não faças uso, como roupas, calçado, têxteis lar ou electrodomésticos, contacta pelos telefones 912163569 ou 917414417.

A todos os nossos benfeitores: bem-hajam.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — É com satisfação que damos aqui nota de termos atingido, já a meta dos 300 associados inscritos. Mas queremos mais e achamos que poderemos chegar aos 500. Basta passar palavra pelos antigos gaiatos da zona do Grande Porto que ainda não foram contactados. Gostaríamos também que todos os antigos associados se voltassem a reinscrever na nossa sede, ou contactar-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417.

VISITAS — damos conta aqui, das visitas de antigos gaiatos, que com agrado vêm à sede conviver e recordar os tempos passados e fazem questão de se inscrever na Associação. Foi o caso do Ulisses e respectiva família. Também de férias por uns dias, o Álvaro «Carioca», de Angola, e o «Sardinha», de Aveiro.

ACTIVIDADES — Já se iniciaram as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho. Se tens gosto e vontade de ocupar os Sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue.

Maurício Mendes



«FAÍSCA» — Faleceu em 28 de Janeiro o Manuel Rodrigo, mais conhecido por «Faísca».

Entrou para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa a 7 de Janeiro de 1966, juntamente com o irmão, também já falecido.

Foi vendedor d'O GAIATO no Porto e em Espinho. Foi tractorista da nossa quinta e, depois de casado, trabalhou como motorista na distribuição de mercearias durante muitos anos.

O funeral foi realizado pelo pároco da freguesia, Padre Sousa Alves, e pelos nossos Padres João e Carlos.

Que Deus o tenha junto a Pai Américo.

Jorge Alvor

MIRANDA DO CORVO

AGROPECUÁRIA — Vamos a ver se as chuvadas vão ajudar a aveia a germinar das terras e não a estragam.

As galinhas não têm posto os tão desejados ovos.

Os 7 cordeiritos estão arrebitados e quem dera que vinguem.

Há carneiros e porcos que vão ser abatidos para a nossa alimentação.

TRALHAS — De vez em quando, dizem-nos para se ir buscar móveis, utensílios caseiros e livros que já não servem.

Quando é possível e podem ser úteis, na nossa Casa e a outros pobres, isso acontece.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

Padre Acílio

MÚSICA — A Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela criou um projecto chamado *Humanitária Solidária* e escolheu para seu beneficiário esta Casa.

Sempre fomos muito ligados a Palmela e à Quinta do Anjo que pertence ao mesmo concelho e é uma enorme e progressiva aldeia, contígua à linda Vila em cujo coração se situa a interessante Sociedade.

Quem visita a sua sede, pode admirar o enorme leque de actividades culturais que ela desenvolve; desde a música com o seu conservatório, à dança, à ginástica, ao teatro, etc.

É um vulcão de riqueza natural e humana que estas iniciativas populares, alimentadas meramente por amor ao homem, ao seu progresso natural e a um sadio bairrismo, espalham pela população, agregando sobretudo os mais novos: crianças, adolescentes e jovens — dando-lhes o amor à arte, à beleza e aos melhores valores.

Tudo feito de graça, ou melhor, pela graça de Deus. Detesto o nome pagão, moderno, que se chama Voluntariado. Estes não querem ser voluntários. Trabalham, obrigados pelas genuínas e puras forças do coração. Podiam também fazê-lo compelidos pela fé, mas não é o caso.

Organizaram um espectáculo musical e vão montar outros para os quais estamos convidados.

Para o primeiro, levei comigo os rapazes que desejam aprender música.

Eu nem imaginava, nos dispersos dias de hoje, encontrar tão grande maravilha! — Quase uma centena de crianças e *adolescentes, convictamente agarrados aos instrumentos, no enorme palco do S. João, executavam peças musicais com elevada mestria. Um raro prazer espiritual!*

Nós entrámos à borla, mas as outras pessoas não. A receita apurada foi metade para esta casa e metade para uma bolsa de estudo, com o nome do fundador da humanitária.

A direcção deslocou-se à nossa casa, para nos entregar 370 euros e dez solfejos. Mais ainda, O GAIATO estará na sede, à disposição de quem o quiser ler e comprar. Uma diligência que muito nos animou pois a venda do jornal em Palmela, tinha morrido.

Organizámos, em casa, duas turmas de candidatos à música, e é a humanitária quem nos escolhe os professores, nos ajuda com os seus espectáculos a custear as despesas do ensino musical.

ÁLVARO CARDOSO — De partida para o Céu, deixou-nos este amigo, numa destas manhãs de sol radioso. Uma longa vida dedicada às grandes causas da humanidade, a que não foi alheia a Casa do Gaiato de Setúbal.

Em Palmela, os vendedores d'O GAIATO foram, durante várias dezenas de anos, quinzenalmente acolhidos na sua casa e sentados à sua mesa. Foi notória, por cada um a preocupação constante com o seu comportamento e vida.

Se não estava, nalgum fim-de-semana, o almoço ficava pago por ele no Retiro Azul. Quando a sociedade se começou a degradar e os vendedores a serem assaltados o dinheiro apurado na venda do jornal era conferido pelo senhor Álvaro Cardoso e guardado na sua casa. Eu ia lá, de quando em vez, buscá-lo e algumas, ele acrescentava com o seu!

Nas nossas festas em Palmela, o casal nunca faltava, e o seu envelope vinha para o meu bolso com um abraço de grande alegria e expressa gratidão.

No dia de Finados, era seu costume ir ao cemitério e contemplar

também a sua própria campa. Instado por alguém sobre o que fazia ali, respondeu: — *visito a minha campa.*

Não era homem de ilusões mas de realidades. Sentia que a meditação da morte purifica o coração.

Palmela fica a dever muito a este Homem e a Casa do Gaiato de Setúbal também.

FOGÃO — Este é uma máquina fundamental em cada família. Também na Casa do Gaiato. Um bom fogão a funcionar bem, ajuda a quem cozinha e favorece o apuramento das refeições.

Quando regressé a esta casa a necessidade de um fogão novo, veio-me logo aos ouvidos!

Cheguei mesmo a pedi-lo a uma firma, e um movimento de amigos de Palmela e ainda me arranjou, para ele, 600€.

Major, foi chefe durante muitos anos e, por isso, aqui sofreu, comigo, calúnias e perseguições. Agora é técnico de gás e trabalha na maior empresa deste distrito, distribuidora de gás natural, veio ver o fogão e ditou a sentença: — *O fogão tem uma boa estrutura, basta reparar a conduta do gás, as placas dos fornos, os queimadores, etc., e temos um fogão novo. Falo com o Joaquim, compro os acessórios e, num sábado concertamos o fogão.*

O Joaquim foi também criado conosco desde muito pequenino e, actualmente é técnico de manutenção numa empresa do Barreiro. Vagueia pelas ilhas e pela Europa, dando formação em diversas áreas e dispôs-se a construir na nossa serralharia, as placas e os tubos necessários.

Os dois gaiatos antigos reconstruíram, gratuitamente e com amor, o nosso fogão, encheram-nos a alma de alegria e deram um belo exemplo aos actuais rapazes. □

DOCTRINA

Pai Américo

*O bem que se faz
a quem nos faz mal
são brasas incandescentes
— fogo!*



COMEÇAM as uvas a amadurecer na nossa Aldeia. Os primeiros cachos já deram sinal e já foram a elas, segundo ontem informou o maioral da Casa. É difícil segurar. Muitos rapazes, muita largueza, muitos cachos. Aonde a abundância, aí a tentação. É difícil segurar, sim, mas não impossível. Eu já dei os passos necessários para que nenhum dos habitantes da Casa do Gaiato toque num cacho de uvas. Já dei. Entabularam-se relações com um senhor do Douro, dono de grandes vinhas. Se ele despachar para a estação de Cête, semanalmente, uma remessa, de forma que os rapazes tenham aqui merendas de cachos d'uvas, temos necessariamente assegurado o respeito e a fidelidade às normas da Casa. Ninguém duvide. É próprio da natureza do homem, a menos que tenhamos cá por Casa algum degenerado.

MESMO no caso de homens feitos, estas armas conquistam e regeneram, quanto mais tratando-se de educação de menores! Exemplo: Um senhor de teres habita num lugar mais ou menos infestado de gatunos. Galinhas. Coelhos. Ovelhas. Porcos. Hortas. Frutos. «Ontem à noite roubaram-me», é grito muito frequente soltado pelo Povo daquelas redondezas. Pois o homem de teres, não. Ele sabe. Conhece os gatunos. Abre-lhes ele mesmo as portas da casa e dá-lhes de comer. Resultado? Nunca lhe faltou coisa nenhuma!

EVIDENTEMENTE que isto não são normas sociais de tratar gente que rouba. Não são. Há o regedor, os juizes, os meios conhecidos e adoptados para nos defendermos uns dos outros. Sim. Isto é o que em regra todos nós fazemos. Mas nem todos o fazem. Pode muito bem acontecer que aquele homem de teres também assim proceda para se defender. Talvez não haja no espírito dele a intenção alta de regenerar por um acto de amor. Talvez. Mas não importa. Defende-se bem. Compõe-se com a vizinhança. Faz amigos. Conquista com armas brancas.

OUTRO caso, mas este de verdadeira regeneração. Era um operário que nas horas mortas da noite saía aos caminhos. Estava ele esperando um determinado sujeito que havia de passar ali de regresso de uma feira. É noite. Aí vem o sujeito. O operário adianta-se. «Pare e deixe cá ver!» Enganou-se. Saíu-lhe um outro homem, muito seu conhecido que lhe diz: «És tu, fulano? Não te fazia aqui». Retiraram-se. No dia seguinte, a «vítima» mandou dois alqueires de milho ao ladrão e guardou silêncio. Ainda viveram muitos anos. O que soube perdoar e esquecer, experimentou a suprema alegria de ver no mundo um homem regenerado. Nunca mais saiu às caminhos!

EIS a verdadeira doutrina. O que vale são as brasas a queimar as mãos. Estas brasas são o bem que se faz a quem nos faz mal. Brasas incandescentes. Fogo!

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Rapar o tacho

OS desamparados que padecem injustiças e sobrevivem com as mãos vazias são Pobres. É da missão da Igreja viver com eles e ao seu serviço. Mergulhar na desumanidade para defender a pessoa humana, que o Criador considera *muito boa*.

A pobreza económica e física é mais visível. Se é moral, deixamos muito inquietos, neste tempo de confusão mental, em que se exige segurança nos trilhos, de quem cresce e sobe na idade.

Há uma ligação enorme entre a mesa familiar, quando está presente e é possível, e a mesa da Eucaristia. Se nos preocupa a insensibilidade de quem já tem a mesa posta, a coerência da nossa vida também passa por ir ao encontro daqueles que têm as mãos abertas e nos lançam gritos de angústia.

Enquanto o alcoolismo vai minando jovens abonados e deso-

rientados, há quem passe necessidades. Por esquecimento, *de arranjar comida*, no tempo de Jesus, os discípulos *só tinham consigo um pão no barco*.

Se uma forma de avançar para a perfeição pode passar pelo jejum, Santo Antão insistiu na moderação: *alguns maltrataram os seus corpos com a ascese*.

Deram-nos um recado para irmos recolher algum arroz, pois já não haveria destinatários nesses lugares, em tempo de crise...

Depois, foi outra ocasião para conhecer de perto uma situação de carências várias e partilhar alguns alimentos. O bairro é muito populoso, mesmo um dormitório urbano. Por detrás daqueles blocos, deram-nos permissão para tomar o pulso daqueles a quem procurávamos. Um pai, desanimado, sem trabalho, veio ofegante, levar-nos ao seu reduto.

O filho, de 12 anos, tem dormido na sala. O rapaz gosta de desporto, mas o coração será frágil. Os milhões da alta roda são, afinal, uma ofensa. A singela refeição que o progenitor consegue deixar, de véspera, é tomada no regresso das aulas, pois não pode comer na escola. Reparámos, naquele dia, que era parca: um resto de arroz, num tacho, que o garoto ia rapar. Quando viram aqueles grãos, em sacos, que transfundimos, os seus olhos arregalaram-se!

Se em Corinto havia *muitos débeis e enfermos*, quando os visitamos hoje, não nos podemos despedir deles sem nada, pelo menos com a presença e os nossos ouvidos, *no ministério da audição*, para os animar, ajudando-os a não desfalecerem no caminho.

Entre as quatro paredes de casa, mesmo com novas tecnologias, podemos não ver e estar com os outros. Espantamo-nos com o abandono de quem vegeta na solidão... Os sinais dos males

sociais não devem ser espectáculos mediáticos nem motivos de exploração; mas, alertas para as doenças da miséria daqueles que não dispõem de clima familiar.

Na verdade, naquele ambiente que nos foi dado visitar, a mãe não estava com ele. E, naquela hora não soubemos o nome dela, que não os pôde acompanhar e terá embalado o seu *berço* de criança.

Quando se despreza uma cultura da família, não admira que, num cenário de mentalidades de

modernice, retrógradas socialmente, engrossem os jovens delinquentes e que permanecem na rua. A exigir uma conveniente sinalização e intervenção precoce de crianças em risco.

Sem mesa familiar e tachos rapados, iram-se revoltados. Laudos banquetes e festanças pagãs deixam povos inanimados.

Com discricção, é um salutar exercício desendurecer o nosso coração e não envergonhar e estar presente junto daqueles que vivem na solidão e não têm pão. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O anúncio público está feito: Estamos a preparar a nossa Festa no Coliseu do Porto. O site desta Sala de espectáculos aponta o próximo dia 21 de Maio para que nela estejam «Os Gaiatos do Padre Américo»; nela nos encontraremos com os nossos Amigos.

Pai Américo é o centro. Ele é a fonte inesgotável onde nos vamos inspirar e a referência sempre actual com que certificamos a nossa acção.

Sim, Pai Américo é sempre actual. Ele andou à frente no seu tempo, e hoje, passadas algumas décadas, confirma-se que a sua fé nos homens, pela ajuda à auto-promoção humana, só poderá ser impulsionada por um homem de fé, como ele foi. A sua foi a do Evangelho, homem de um só livro, tão actual há dois mil anos, como há sessenta, como hoje.

A sua técnica era o amor: AMA!, escreviam as iniciais do seu nome. Se na actualidade o nome de uma pessoa segue comumente a moda mundana, nele, como nas pessoas que se sabem membros do Povo de Deus caminhante na história, o nome é a sua identidade associada a um projecto de vida sonhado por Deus. Pai Américo deixou-se impelir por esse amor e por isso levou a sua vida do projecto à realidade.

Outras técnicas há. As suas contínuas mudanças dão a aparência de actualidade e a sensação de maior qualidade. O mundo anda afeito a novidades rapidamente ultrapassadas. Mas como o ser humano precisa de estabilidade e de uma pedagogia que tenha a ver com ele, elas formam muitas vezes seres frágeis e inseguros.

Pai Américo acreditava que a Casa do Gaiato deve ter a feição de obra deles, para eles, por eles. Esta é a linha transversal da sua pedagogia. Não lhe importava o novo por ser novo, mas a novidade que sempre reluz quando se regressa a Nazaré: a Família.

Casa do Gaiato — «Casa de família para os sem família». Eles no que é seu, na liberdade e responsabilidade. Verdades que ainda hoje fazem abrir a boca de espanto aos que nos visitam. Será por causa desse mesmo espanto que, tal como no tempo de Pai Américo, outros nos querem remeter para a sacristia?

Com a Festa faz-se o encontro de todos os que fazem parte desta grande descendência que Deus deu a Pai Américo, precisamente porque foi um homem de fé. O que nos une é a participação no seu amor aos Pobres e à pobreza que nos faz mais ricos; não de uma riqueza feita de valores materiais, mas de um revigorar da alma que tende a desfalecer perante aquilo que parece perdido. □

GAIATOS

Coliseu do Porto

Sábado, 21 de Maio – 16 horas



Bilhetes à venda:

- Bilheteiras do Coliseu
- Casa DINA – Rua Mártires da Liberdade, 30
- Casa do Gaiato – Paço de Sousa

www.obradarua.org.pt • paco.de.sousa@obradarua.org.pt

BENGUELA

Padre Manuel António

«Pão nosso de cada dia»

O pequenino já chegou. Tem cinco anos. Veio juntar-se aos dois irmãos que vivem em nossa Casa. O nascimento dum novo filho, no seio desta Família tão numerosa, a Casa do Gaiato, faz-nos pensar na tremenda responsabilidade que assumimos. Por isso, à hora em que a comunidade está reunida, todos os olhares poisam no tesouro que chegou. É colocado no regaço de cada um, símbolo do amor responsável, para ajudá-lo a crescer com equilíbrio. É, sem dúvida, um momento de reflexão, pois aquele filho será o que vir e gravar na pessoa dos seus irmãos mais velhos. O padrão familiar, factor essencial e característico do projecto educativo da Casa do Gaiato, gera a convivência mútua, sem compartimentos estanques. Daí, a ocupação primária no acompanhamento das relações entre todos os membros, da parte dos mais responsáveis.

Numa família normal, os filhos mais novos têm os olhos postos no comportamento dos mais velhos. Por esta razão, há uma chamada constante à responsabilidade dos mais velhos na boa educação dos mais novos, através

do seu exemplo. Sem dúvida, não é um mar de rosas o estilo de vida que todos têm. Mas é consolador verificar como alguns, ao jeito do fermento na massa, procuram ajudar com a sua dedicação sacrificada, pela palavra e pelo exemplo. São um valor humano precioso, no seio da comunidade grande. Os mais pequeninos, ao colo dos mais velhos, recebem o carinho que os pais de sangue não lhes deram; e comunicam a ternura que faz o coração mais humano.

Uma desgraça muito comum e muito grande na sociedade afecta, dum modo especial, as crianças. É o abandono dos filhos, por parte dos pais. Há dias, uma mulher bateu à nossa porta. Entrou e sentamo-nos. Contou a sua história, feita com os seis filhos que tem. Pede-nos para acolher três ou quatro. Fiquei impressionado, apesar de muito habituado a estes encontros. O que se passa na vida desta heroína? O pai dos filhos abandonou a família, por completo. Os mais velhinhos fazem a vida da rua, fogem da escola e de casa. Já comunicou o caso à polícia? Que não, respondeu na sua humilde simplicidade. Trata-se dum verda-

deiro crime contra a humanidade. É, contudo, o “pão-nosso” de cada dia. Quem me dera poder dar-lhe a mão imediatamente! Por isso, sinto grande aflição por não ter conseguido, até agora, emprego para o grupo dos mais velhos, para viverem a sua autonomia e deixarem o lugar para as crianças extremamente necessitadas. Esperamos com paciência.

Quero dar a mão, também, à nossa agricultura. Está prestes a cair na miséria. Dezenas de famílias, há muitos anos, estão ligadas ao campo. Falta-nos a pessoa capaz de mexer a terra, com organização e eficácia. Já batemos a várias portas, mas não conseguimos bom resultado. Não vamos desanimar. O tractor é uma peça fundamental que ainda não podemos comprar. Quem levanta a mão?

Conseguimos lugar para mais três filhos que vêm da rua. Estas crianças são a garantia de que nascemos para ter vida e para a dar com abundância. Recebi, também, há dias, o livro com a tese de Doutoramento em Ciências, dum filho desta Casa, acompanhada dum carta que enche de contentamento o coração de todo o pai. O filho chama-se David Eduardo e é professor, actualmente, na Faculdade de Ciências, em Luanda. Partilho convosco esta riqueza que é dada à nossa vida. □

O dinheiro

ELE é a mais perturbadora criatura dos homens. Confunde mesmo os mais avisados e peritos no trato com ele... ou dele — nem sei qual a preposição mais adequada. Faz-nos lembrar as dificuldades dos educadores, também dotados de alta preparação pedagógica, que não sabem o que fazer em certos casos de rebeldia que tende para a delinquência, se a não atingiu já.

Se fossemos rever, ao longo da História, os conflitos que atentaram conta a estabilidade e a paz social, sempre encontraríamos o protagonismo do dinheiro, mais evidente ou mascarado, actuando mais na ribalta dos acontecimentos ou soprando escondido nos bastidores.

Até nos próprios sarilhos caseiros que se levantam, ele lá está: raramente eles ocorrem sem que apareça em jogo um problema de dinheiro. Claro que emprego aqui a palavra dinheiro representando o universo dos bens, neste nosso caso, às vezes, até objectos sem valor, mas valorizados pelo interesse dos intervenientes no caso. E da felicidade e união das famílias em derrocada em hora de partilhas até aos conflitos à escala do mundo — que dizer dos interesses materiais de que o dinheiro é o rosto!

Vêm estas considerações a propósito de um pequenino mas sugestivo artigo lido há dias: «Seiscentos e trinta economistas franceses, ligados a meios universitários, estão aterrados com o que se passa na Europa e no mundo. (...) Em manifesto recente contando mais 1200 assinaturas (contamos, pois, 1830 manifestantes) enumeram 10 falsas evidências sobre o capitalismo financeiro em que os dirigentes políticos parecem acreditar enquanto caminham para a derrocada».

Claro que não vou ocupar-vos com as dez evidências. Mas a verdade é que assistimos, há decénios, a planos e a esforços para que haja equilíbrio sócio-económico no mundo e, em vez de resultados positivos, encontramos um agravar das situações. Não duvidamos da sinceridade e da competência de tantos que procuram endireitar o mundo. Mas não têm sido capazes. Tomam-se medidas que visam tapar buracos e elas abrem brechas que avolumam os problemas. São, de facto, extraordinariamente difíceis entre as Ciências, estas da área da Economia e das Finanças. Enquanto a Medicina, por exemplo, progride admiravelmente em favor da qualidade de vida e da longevidade do ser humano, sem outras resistências que não as do tempo indispensável à investigação e à maturação das descobertas, naquelas áreas parece haver um vírus que se contrapõe e sempre procura esterilizar os efeitos bons de todos os esforços. E, se calhar, há mesmo e chama-se dinheiro, criativamente activo sobre a cupidez dos homens.

Não foi certamente por acaso que Jesus ao falar do *deus-anti* escolheu Mamona. Não foi procurar nomes que personificassem outros vícios e defeitos dos homens, mas aquele que corresponde à grande tentação: a riqueza.

Quando os homens descobrirem que a sua própria felicidade tem um máximo na *suficiência racional* de bens proporcionada à cultura e condições específicas de vida; e que, para além dela começarão a pagar amargamente o excessivo — os senhores «economistas aterrados» recobrarão a paz. Então, no dia desejado dessa descoberta, não mais serão os mercados a estabilizar os preços e a equilibrar as economias; serão as consciências dos homens. E nesse novo *então*, a *racional suficiência*, digna da Humanidade que Deus projectou e quer, estará ao alcance de todos os homens.

Quando será, Senhor, esse *então*? Felizes se déssemos já o primeiro passo!

Padre Carlos

SINAIS

Padre Telmo

NÃO sei porque, impressionou-me a atitude de indiferença, ar triste e uma certa agressividade perante as pessoas e as coisas.

À primeira vista, é bonito e simpático. Entrou no grupo dos rapazes com ar indiferente, e eles em uníssono: é o «Boi-Langa».

Ficou o «Boi-Langa». Que quer dizer? Ninguém sabe é o «Boi-Langa». Um pouco à margem — só.

Há dias chamei-o: — Vem senta aqui. Diz-me o teu nome.

— Francisco — respondeu e sorriu.

— Sabes, Francisco é um grande nome. O nome dum grande Santo. O Santo mais parecido com Jesus! Sabias?

— Não.

A seguir, contei-lhe um pouco da vida de S. Francisco. Estive oito dias fora, quando cheguei, no fim do almoço, dei de caras com o «Boi-Langa». Sorriu para mim com expressão de alegria como se eu fizesse alguma ligação ao seu passado.

Seu passado são duas linhas: Nasceu no Dundo-Lundas, na terra dos Diamantes — mas ali ninguém o quis — não marcou quilates. Seu Pai abandonou-o, e à mãe. A mãe entregou-o a uma tia, esta ficou doente; e os senhores Padres da missão trouxeram-no em 2009.

O seu desejo é estudar. Anda na quarta-classe.

Acredito que S. Francisco o vai proteger.

No principio, lá nas catacumbas reinava a repartição de bens. Os mais ricos vendiam e repartiam tudo em comum! Maravilhoso! A tantos anos luz... Impossível regressar. Possível e necessário traçar caminhos, abrir veredas e se preciso, saltar muros.

Para quando e para quê, guardarmos os nossos tesouros? Incompatível com a nossa fé, podendo nós, haver pobres na nossa rua...

«Todos os Crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum». □